



ESCOLA DE GUERRA NAVAL



NÚCLEO DE AVALIAÇÃO
DA CONJUNTURA

BOLETIM

GEOCORRENTE

01 de julho de 2021

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 7 • Nº 142

BALTOPS 2021: 50 anos do maior exercício da OTAN realizado no Mar Báltico

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



BOLETIM

GEOCORRENTE

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando responder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE SILVIO LUIS DOS SANTOS

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR CHEFE

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

EDITOR EXECUTIVO

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

TRADUÇÃO E REVISÃO

RODRIGO OLIVEIRA DUTRA MARCÍLIO (UFRJ)

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

PESQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)

ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)

JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

ANA LAURA MARÇAL MONSORES (UFF)

BRUNA SOARES CORRÊA DE SOUZA (UNILASALLE)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (EGN)

JOSÉ MARTINS RODRIGUES JUNIOR (UFRJ)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

RAFAEL ESTEVES GOMES (UFRJ)

VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-RIO)

VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)

GABRIELA PAULUCCI DA HORA VIANA (UFRJ)

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-RIO)

RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

GUILHERME FRANCISCO PAGLIARES DE CARVALHO (UFF)

MARINA AUTRAN CALDAS BONNY (UFRJ)

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

VICTOR MAGALHÃES LONGO DE CARVALHO MOTTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

LUIZ FILIPE DE SOUZA PORTO (UFRJ)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (EGN)

MARIA CLAUDIA MENEZES LEAL NUNES (USP)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MARIA GABRIELA VELOSO CAMELO (PUC-RIO)

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

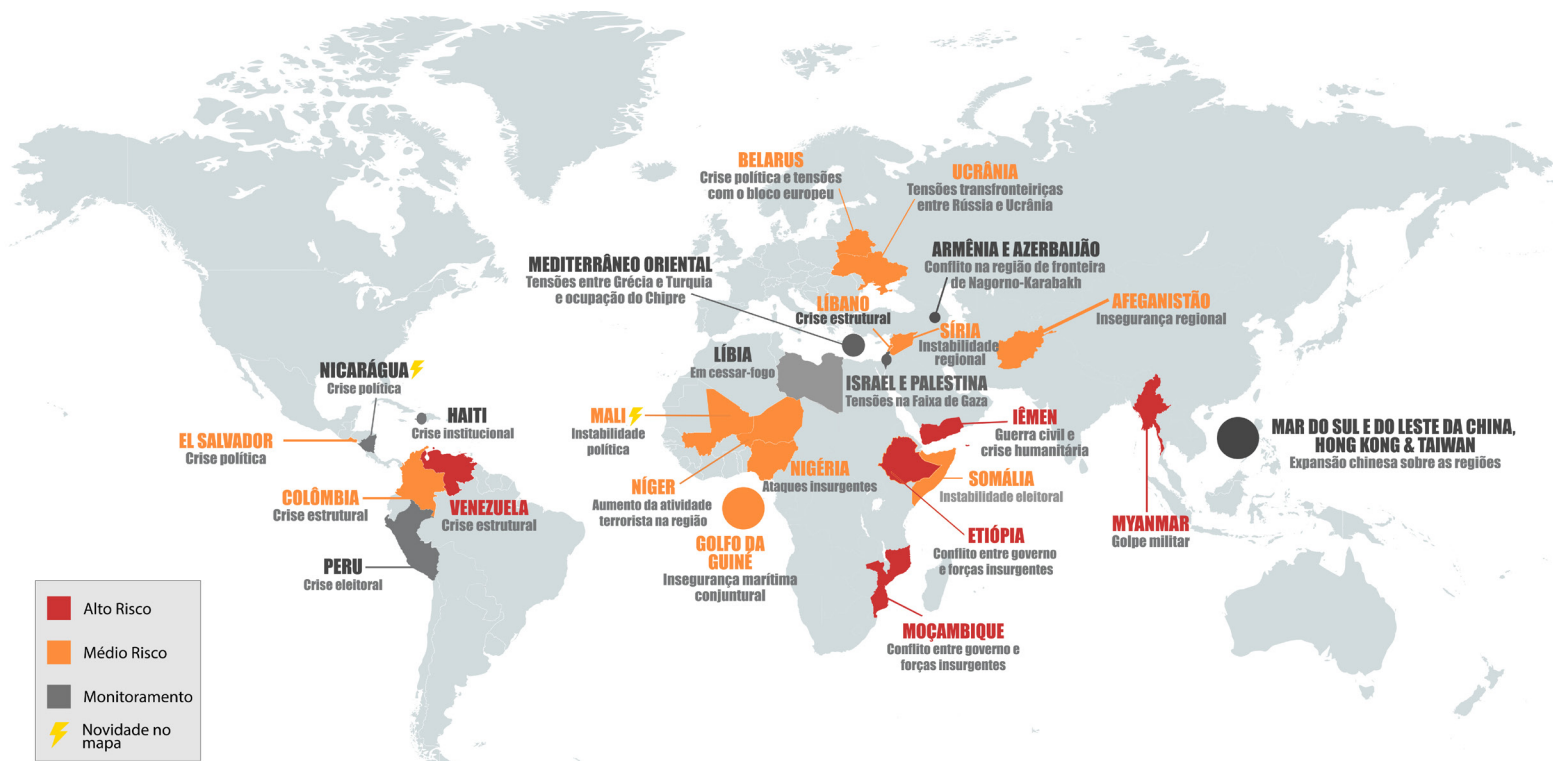
GUILHERME NOVAES SILVA PINTO (UFRJ)

ÍNDICE

<p>AMÉRICA DO SUL</p> <p>Os desafios à construção naval peruana na gestão de Pedro Castillo5</p> <p>AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL</p> <p>A guerra naval do futuro: a construção da Marinha híbrida dos Estados Unidos5</p> <p>ÁFRICA SUBSAARIANA</p> <p>A nova peça do tabuleiro: processos e consequências da fundação do novo país na África Oriental6</p> <p>As perspectivas políticas da expansão energética do Senegal7</p> <p>EUROPA</p> <p>O programa Foco África 2023 e as tensões diplomáticas entre Espanha e Marrocos8</p> <p>BALTOPS 2021: 50 anos do maior exercício da OTAN realizado no Mar Báltico.....9</p> <p>RÚSSIA & Ex-URSS</p> <p>A diversificação energética ucraniana e o uso da energia de hidrogênio10</p>	<p>LESTE ASIÁTICO</p> <p>Uma guerra de memórias: os rochedos de Liancourt e as relações entre Coreia do Sul e Japão10</p> <p>O poder de dissuasão da Força de Foguetes do Exército de Libertação Popular11</p> <p>SUL DA ÁSIA</p> <p>Os próximos passos da política externa estadunidense no Afeganistão12</p> <p>Rio e mar: a importância da conectividade para a presença indiana no Oceano Índico13</p> <p>ÁRTICO & ANTÁRTICA</p> <p>As Malvinas como porta de entrada para a Antártica: obstáculo para Argentina e Chile14</p> <p>Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....15</p> <p>Calendário Geocorrente.....15</p> <p>Referências.....16</p> <p>Mapa de Riscos.....17</p>
--	---

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

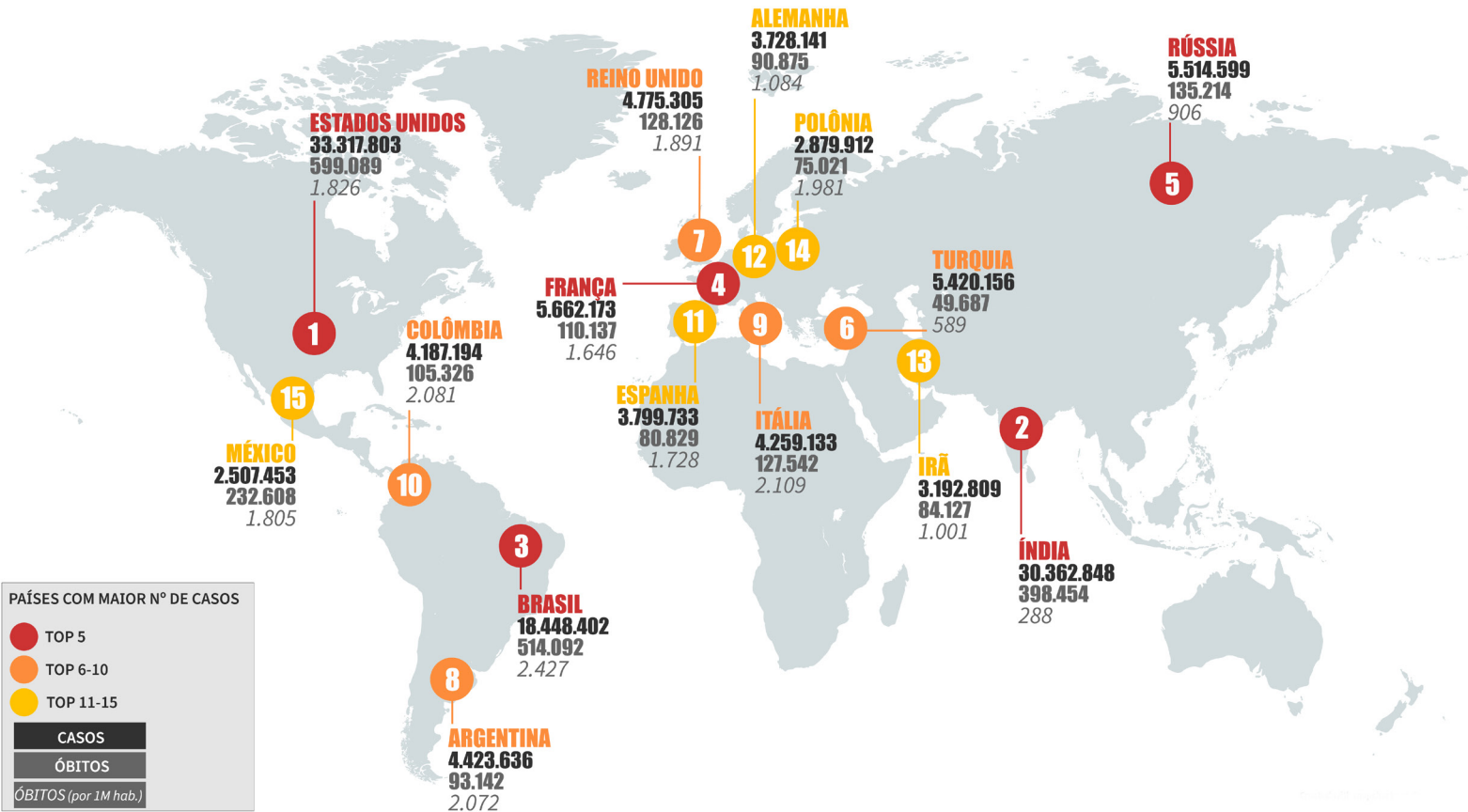
Desconsiderando a pandemia de COVID-19



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 17.

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 30 de junho de 2021.



PAÍSES COM MAIOR N° DE CASOS

- TOP 5
- TOP 6-10
- TOP 11-15

CASOS
ÓBITOS
ÓBITOS (por 1M hab.)

ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

PANDEMIA DA COVID-19				
Vacinação pelo mundo				
Ranking dos países com mais doses aplicadas e colocação correspondente à população vacinada				
País	Doses aplicadas*		População vacinada (%)	Vacinas
	(milhões)	(por 100 pessoas)		
China**	1.225,7 (1°)	88	-	CanSino Sinopharm/Beijing Sinopharm/Wuhan Sinovac
Índia	327,4 (2°)	24	19 (78°)	Covaxin Oxford/AstraZeneca
Estados Unidos	325,1 (3°)	98	54 (24°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech
Brasil	98,8 (4°)	47	34 (51°)	Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech Sinovac Moderna
Reino Unido	77,3 (5°)	116	67 (5°)	Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech
Alemanha	73,7 (6°)	89	54 (23°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech Oxford/AstraZeneca
França	53,0 (7°)	79	50 (31°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech Oxford/AstraZeneca
Itália	51,0 (8°)	85	56 (21°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech Oxford/AstraZeneca
Turquia	49,4 (9°)	59	40 (42°)	Pfizer/BioNTech Sinovac
México	44,3 (10°)	35	24 (68°)	CanSino Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech Sinovac Sputnik V

*É contado como uma dose única e pode não ser igual ao número total de pessoas vacinadas, dependendo do regime de dose específico (por exemplo, as pessoas recebem doses múltiplas).
**O país não forneceu dados sobre o número de pessoas que foram parcialmente ou totalmente vacinadas.

Os desafios à construção naval peruana na gestão de Pedro Castillo

Matheus Mendes

Após quatro presidentes em um período de cinco anos, o Peru elegeu seu novo mandatário: Pedro Castillo. O novo presidente foi eleito por uma margem apertada contra Keiko Fujimori, que alegou fraude no processo — o que não foi comprovado até o momento. O presidente-eleito terá a missão primária de terminar um mandato e resgatar o Peru de uma severa crise econômica em meio à pandemia. O que podemos esperar da gestão de Castillo com relação à construção naval peruana?

Segundo o *Global FirePower*, a Marinha peruana conta com 60 embarcações. Esses meios, no entanto, encontram-se já em idade avançada, sobretudo os submarinos e as fragatas que, comissionadas entre as décadas de 1970 e 1980, necessitam ser substituídos a curto e médio prazo. Nesse sentido, no caso dos submarinos, a empresa pública *Servicios de la Marina* (SIMA) fechou um contrato em 2016 com a alemã *TKMS* para a modernização dos quatro submarinos Classe *Angamos*. Já para a Classe *Islay*, há a possibilidade de substituição pelos submarinos brasileiros Classe *Tupi* ([Boletim 136](#)). As fragatas, por sua vez, também devem ser substituídas por novas embarcações, apesar de ainda

não haver um projeto definido.

Apesar de o Peru não apresentar projetos grandiosos de construção naval, os valores de modernização e/ou fabricação são muito elevados. O orçamento previsto para a Defesa ainda em 2021 teve uma redução de 8,5% em comparação ao ano anterior. Além disso, a pandemia é um grande desafio a ser enfrentado pelo novo presidente, demandando esforços e gastos públicos para a sua contenção. O Peru contabiliza cerca de 190 mil mortes por COVID e, até o momento, somente 8,5% da população foi vacinada com duas doses.

Enquanto a autoridade eleitoral no Peru não proclama oficialmente o vencedor após três semanas da eleição, a crise econômica e a pandemia dão o tom no país. Desse modo, os investimentos em Defesa perdem espaço, bem como geram indefinições quanto ao prognóstico de construção naval. De todo modo, é fundamental acompanhar a situação peruana, tendo em vista possíveis cooperações na área de Defesa, bem como pelo aumento da instabilidade regional causada pelas questões socioeconômicas vividas por nossos vizinhos andinos.

DOI 10.21544/2446-7014.n142.p05.

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

A guerra naval do futuro: a construção da Marinha híbrida dos Estados Unidos

Ana Carolina Vaz Farias

Ao longo da história, a tecnologia teve um papel fundamental na mudança das formas de se fazer guerra. Na atual década, esse cenário é marcado pela 4ª Revolução Industrial, atravessando o setor militar por meio da Inteligência Artificial, e, no meio marítimo, pelas chamadas embarcações não tripuladas (USV, sigla em inglês). É nesse contexto que a *U.S. Navy*, em 16 de março de 2021, divulgou o *Unmanned Campaign Plan*, um plano para acelerar a constituição de uma Marinha híbrida, em que sistemas não-tripulados e tripulados se complementam em todos os domínios. Assim, como o governo de Joe Biden vem consolidando tais medidas?

Em dezembro de 2020, ainda sob a administração de Donald Trump, foi divulgado o plano de construção naval *Battle Force 2045* ([Boletim 130](#)), esse destacava a constituição de uma Marinha de 355 navios tripulados, até o final da década, e a incorporação de até 240 USVs. No dia 17 de junho de 2021, o governo Biden disponibilizou uma breve atualização desse plano. Sem determinar prazos, o documento destaca que, devido as

restrições orçamentárias e a atual capacidade industrial do país, potencialmente poderá ocorrer uma redução no número de veículos tripulados, para cerca de 321 navios. Além disso, esses seriam suplementados por 77 a 140 USVs, no máximo.

Em outra iniciativa, no dia 29 de maio, ocorreu o segundo teste do programa *Ghost Fleet Overlord*. A *Ghost Fleet Overlord* tem como objetivo fornecer à força naval híbrida informações do desenvolvimento dos protótipos de USVs, contribuindo para a maturação e a constituição de uma Esquadra híbrida. Nesse contexto, o *Nomad*, um veículo de patrulha *offshore* adaptado com sistemas que o possibilitam operar de forma autônoma (isto é, sem a necessidade de intervenção humana para tomar decisões) realizou o trajeto de aproximadamente 7.114 km da costa estadunidense do Golfo do México até a Califórnia, sendo 98% desse feito de forma autônoma, somente sendo pilotado de forma manual na travessia do Canal do Panamá.

Assim, a complexidade das políticas de segurança »

dentro do Sistema Internacional pressionam os Estados Unidos a adaptarem e modernizarem seus navios, para que sistemas não tripulados sejam parte importante de sua Marinha de Guerra. É possível depreender que existe uma continuidade na compreensão da necessidade do

desenvolvimento de veículos autônomos, mas ainda é preciso observar se realmente haverá uma redução na quantidade dessa estrutura na Marinha estadunidense em comparação à administração Trump.

DOI 10.21544/2446-7014.n142.p05-06.

ÁFRICA SUBSAARIANA

A nova peça do tabuleiro: processos e consequências da fundação do novo país na África Oriental

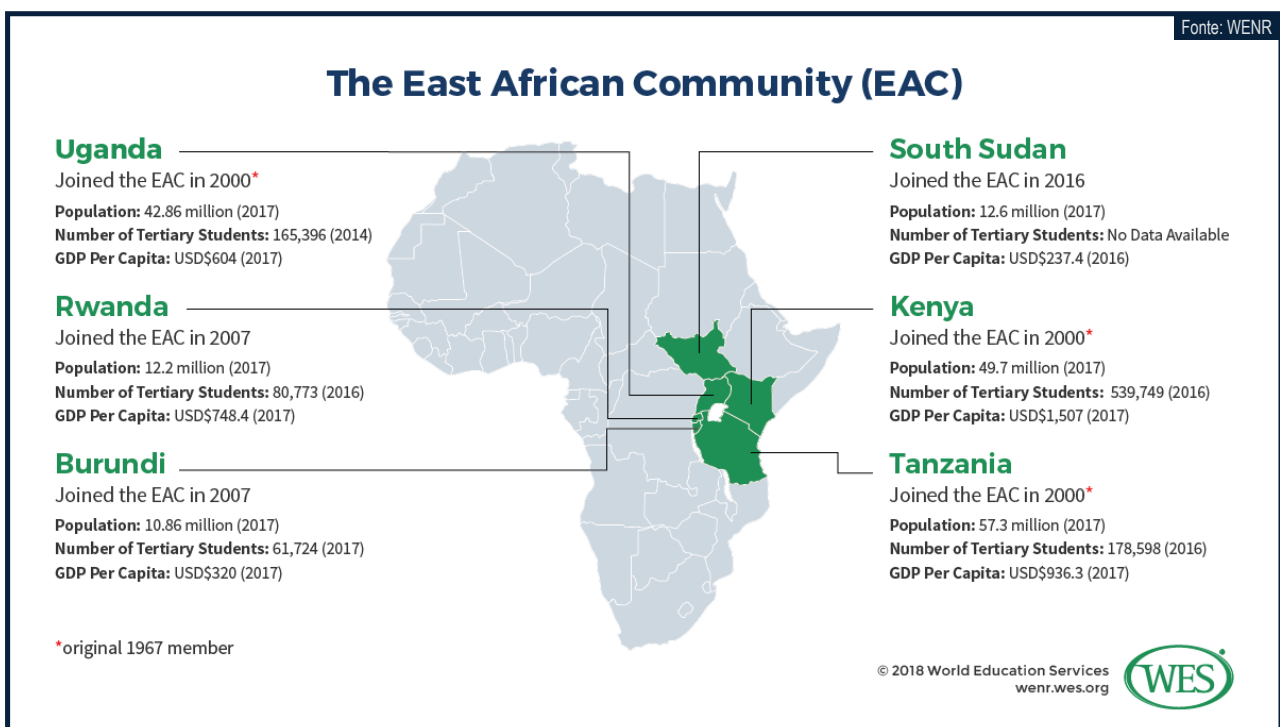
Bruno Gonçalves

Sabe-se que a África é um continente múltiplo, repleto de diversidade, sentimentos e interesses. O continente é uma das regiões mais integradas do mundo, colecionando diversas Organizações Internacionais para cooperação regional, a fim de alavancar seus anseios comuns de desenvolvimento econômico, político e social. Uma das Organizações de destaque é a Comunidade da África Oriental (CAO), que tem como objetivo final a unificação política de seis países da região: Burundi, Quênia, Ruanda, Sudão do Sul, Tanzânia e Uganda, conformando um novo ente político-federativo. Fica a dúvida, portanto, qual a atual situação deste plano e quais seriam as consequências geopolíticas da fundação deste novo Estado federal.

O início da ideia de uma união das nações como uma federação única na África Oriental se deu na década de 1960, período em que os países da região conquistaram sua independência do colonialismo europeu. Em 1967, foi instituída a CAO que já em 1977 se desintegrou por conta de conflitos políticos internos. Vinte e três anos após o colapso da organização, em 2000, o tratado foi restabelecido, já introduzindo uma união aduaneira e os rudimentos de um mercado comum, o que aproximou novamente as nações do oriente africano.

Em 2018, a CAO iniciou a formação de uma federação política, ao nomear um comitê de especialistas para redigir uma Constituição regional. Porém, segundo o presidente do Conselho de Ministros da CAO, a confederação política foi adotada como estratégia, no intuito de permitir um sistema harmonioso que os guiará em como ceder ao poder de forma regulamentada antes da redenção à federação — a quarta e última etapa da integração. Em janeiro de 2021, houve um encontro dos representantes dos seis Estados constituintes, no Burundi, para consultas sobre a redação da primeira Constituição formal, com previsão de conclusão para o final de 2021 e implementação em 2023.

Quando essa Comunidade chegar na fase final da integração regional, o novo Estado, a Federação da África Oriental (FAO), terá a segunda maior população da África, estimada em 177 milhões de habitantes, o maior território do continente, com 2.467.202 km², e um possível crescimento econômico acima da média africana. Um novo ator desta magnitude poderá afetar as relações geopolíticas com os países vizinhos como a Etiópia e o Egito, e com potências extrarregionais, como a China e a Índia, cada vez mais interessadas nos recursos naturais do continente africano.



Senegal é um dos países africanos que têm se tornado Salvo do extremismo no Sahel. Além de Costa do Marfim, Benim e outros Estados da costa africana, a conjuntura do país impõe preocupações às forças de segurança que operam na região. Em janeiro de 2021, autoridades policiais senegalesas desmantelaram uma célula de apoio ao grupo jihadista JNIM, afiliado à Al-Qaeda. O país destaca-se como pioneiro em uma matriz energética diversificada de gás natural e recursos renováveis que viabilizam um crescimento econômico promissor. Ante à relativa estabilidade econômica e política em relação aos vizinhos, quais as perspectivas políticas resultantes de tal diversificação energética senegalesa?

Apesar da queda de investimento estrangeiro no continente africano em 2020, os setores de energia e mineração obtiveram bons desempenhos, se comparados aos demais. Na África Ocidental, Senegal se destaca em função de sua política energética. O governo do atual presidente Macky Sall busca realizar empreendimentos de infraestrutura em parques industriais e zonas econômicas especiais; além de fomentar a geração de empregos. Logo, esses projetos visam o desenvolvimento de uma matriz e setor energético equilibrados. O investimento estrangeiro destinado às reservas de gás *offshore* do Senegal é

elemento vital para a recuperação pós pandemia no país, já que se espera um crescimento econômico de até 13,7% oriundo da primeira produção de gás em 2023.

O principal porto de Senegal, localizado na capital Dacar, é historicamente um dos mais importantes da região e direcionado diretamente para o Atlântico. O JNIM intensificou os ataques na fronteira Mali-Senegal nos últimos dois anos; uma possível expansão da organização para Dacar visaria controlar o acesso ao mar. Além disso, as reservas de *commodities* como o ouro, petróleo e gás tornam ainda mais atrativo o estabelecimento de células terroristas na região. A mudança da política de Macron, presidente da França, para a operação no Mali ([Boletim 133](#)) pode gerar consequências para a segurança regional se não houver uma resposta que vise a governança da região das fronteiras do Sahel.

As expectativas econômicas para o setor energético do Senegal garantem a presença do investimento estrangeiro, que asseguram que a sociedade civil relute em integrar à insurgência extremista. No entanto, o crescimento positivo senegalês, alto em comparação com os demais Estados da região, e sua posição estratégica podem transformar o país em alvo do grupo jihadista e, conseqüentemente, em uma região securitizada.



O programa Foco África 2023 e as tensões diplomáticas entre Espanha e Marrocos

Marina Aufran

Ceuta e Melilla passaram ao controle da Espanha entre os séculos XV e XVI, apresentando uma importância histórica na ocupação muçulmana na península ibérica e na reconquista. As duas localidades estão no centro da atual crise diplomática entre o país europeu e o Marrocos, por um aumento de migrantes cruzando a fronteira na região em direção à Europa. De que maneira essa crise afeta a política exterior espanhola com os países africanos, especialmente o Marrocos?

A recente tensão entre Madrid e Rabat se iniciou com a permissão do país europeu para o tratamento de COVID-19 do líder da Frente Polisário, Brahim Ghali, em seu território. Ghali atualmente luta contra o Marrocos pela soberania do Saara Ocidental. Com o reconhecimento por parte do ex-presidente estadunidense Donald Trump ([Boletim 133](#)), o governo marroquino deseja legitimidade internacional, dado que, tal como diversos outros países, a Espanha não reconhece a reivindicação de Marrocos sobre o território. No mês de maio, chegaram 6 mil imigrantes marroquinos a Ceuta, dos quais cerca de 1.500 eram menores de idade, um aumento substancial quando comparado ao mês anterior, no qual entraram 100 imigrantes, dentre eles 30 menores. O país africano foi acusado de deliberadamente “relaxar sua fronteira” como resposta à crise do Saara Ocidental e querer utilizar o fluxo migratório como barganha para o

reconhecimento das suas reivindicações.

Em termos de política externa, o Foco África 2023 é um programa da Espanha lançado em março de 2021 para cumprir o *III Plan África*, aprovado em 2019. O projeto delimita ações considerando quatro objetivos estratégicos estabelecidos: paz e segurança; desenvolvimento sustentável, crescimento econômico inclusivo e resiliente; institucionalidade; e mobilidade ordenada, regular e segura. A partir disso, determina as prioridades geográficas para realizar parcerias nos âmbitos da economia, cooperação para o desenvolvimento, paz e segurança. Senegal e Marrocos foram selecionados como países pilotos para empregar as ações espanholas, com o objetivo de replicar essas experiências, futuramente. É importante destacar que o país marroquino não havia sido priorizado no plano de 2019, porém o programa foi visto como uma oportunidade para distender as tensões diplomáticas entre os governos.

Ainda que exista esta intenção por trás de considerar Marrocos como piloto, a crise atual pode ser um entrave ao programa do Foco África 2023. A situação atual, fortemente relacionada aos objetivos estratégicos espanhóis na região, pode limitar as ações e parcerias planejadas no país e futuramente no continente.



BALTOPS 2021: 50 anos do maior exercício da OTAN realizado no Mar Báltico

Thais Dedeo

Desde a anexação da Crimeia em 2014, exercícios militares realizados na região báltica e no norte da Europa foram ampliados. Adicionalmente, a Cúpula da OTAN de junho deste ano reiterou ações agressivas russas como a principal ameaça aos aliados. Nesse sentido, entre os dias 6 e 18 de junho, ocorreu no Mar Báltico a 50ª edição do exercício multinacional anual, o BALTOPS 2021. Trata-se do maior exercício militar naval realizado pela OTAN com o intuito de aumentar a interoperabilidade entre aliados e parceiros. Qual a importância do BALTOPS para os aliados no contexto de aumento de tensões com a Rússia?

O exercício deste ano demonstrou a capacidade da OTAN de garantir a liberdade de navegação no estreito dinamarquês e desenvolver ação de defesa aeroespacial. O BALTOPS 50 reuniu ao todo 16 países aliados (Alemanha, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, Estônia, Estados Unidos, França, Itália, Letônia, Lituânia, Holanda, Noruega, Polônia, Turquia e Reino Unido) e duas nações parceiras, Suécia e Finlândia. Ao todo o exercício compunha 40 navios, 60 aeronaves e 4.000 funcionários realizando operações antissubmarino, operações anfíbias e operações de minagem e de contramedidas de minagem.

Pela primeira vez, a dimensão espacial e cibernética, específica dos conflitos modernos, foi

totalmente integrada, permitindo que as forças aliadas incrementassem a consciência situacional marítima e ampliassem suas capacidades operativas. O Centro Espacial da OTAN foi integrado ao BALTOPS, uma vez que torna-se essencial para a dissuasão e defesa da Aliança, incluindo a capacidade de navegar, rastrear forças, coletar dados para a Inteligência e detectar lançamentos de mísseis.

O emprego pelos EUA de bombardeiros B-52H, capazes de carregar armamento nuclear, durante os exercícios BALTOPS 2021 gerou tensões e críticas por parte da Rússia, considerado como um ato de demonstração de força. Por sua vez, o Ministério da Defesa russo autorizou dois bombardeiros estratégicos Tu-160 "Blackjack" a realizarem um voo-treinamento no dia 15 de junho. Esta foi considerada a quarta violação do espaço aéreo da Estônia por aviões da Federação Russa em 2021.

Em um contexto de Cúpula da OTAN, o exercício anual BALTOPS enseja uma reafirmação da presença dos EUA e do engajamento da administração Biden na Europa, além de permitir que a OTAN e as Marinhas aliadas aumentem a sua interoperabilidade em uma diversidade de áreas, por meio de exercícios realistas na região báltica.



DOI 10.21544/2446-7014.n142.p09.

A diversificação energética ucraniana e o uso da energia de hidrogênio

Luiza Guitarrari

A Ucrânia é um ator fundamental no escoamento de gás natural para a Europa. O gás, além dos baixos custos de produção, constitui um recurso chave da sua economia e é um meio de integração com vizinhos europeus. Contudo, desafios geopolíticos atuais representam um entrave para a segurança energética regional, majoritariamente, representados pela Rússia. Esta, por meio da expansão de sua malha energética, vide o *Nord Stream 2* e o *Turkstream* (Boletim 140), acaba por imobilizar parte das receitas ucranianas de gás e a rota de trânsito com destino à Europa. Isto posto, questiona-se como as políticas energéticas ucranianas podem reduzir sua dependência do gás e diversificar sua matriz energética.

O século XXI marcou a ruptura das relações bilaterais entre Rússia e Ucrânia. No âmbito energético, nota-se que o aumento das taxas de exportação por parte de empresas russas, como a Gazprom, somado aos recorrentes cortes no fornecimento de gás natural, comprometem, não somente, o setor energético ucraniano, mas o cenário europeu. Desse modo, tornou-se imperativo implementar políticas visando à reforma do setor energético. Nesse panorama, sob o Acordo de Associação Ucrânia-União Europeia, Kiev está alinhado com a agenda de descarbonização e diálogo sobre energias renováveis.

Aprovada em 2017, a estratégia energética ucraniana para 2035 almeja aprimorar o sistema unificado de energia e aumentar a eficiência energética enquanto desenvolve fontes de energia renováveis capazes de garantir seu consumo doméstico e diversificar rotas de suprimento. Desse modo, objetivando mitigar sua dependência de gás e, principalmente, do gás russo, o ministro da Relações Exteriores da Ucrânia, Dmytro Kuleba, anunciou no presente mês que, aliado à sua entrada na Aliança Europeia de Hidrogênio Limpo, será delineada a Estratégia de Hidrogênio da Ucrânia a ser apresentada até 2022. Este recurso energético não emissor de carbono pode atrair investimentos sensíveis ao país ao mesmo tempo que cumpre a estratégia europeia de clima neutro até 2050. Assim, sob uma produção estimada em cerca de 5,5 bcm (bilhões de metros cúbicos) anuais, a Ucrânia atraiu interesse de diversos setores, inclusive do Banco Europeu.

Tendo isso em vista, Kiev deve aprofundar a cooperação com seus vizinhos europeus, ambicionando tornar-se um polo energético atrativo e limpo. Alinhar sua legislação nacional e estratégia energética permitem ao país desenvolver uma infraestrutura energética em consonância com o sistema europeu, além de figurar como país em potencial no desenvolvimento da energia do hidrogênio.

DOI 10.21544/2446-7014.n142.p10.

LESTE ASIÁTICO

Uma guerra de memórias: os rochedos de Liancourt e as relações entre Coreia do Sul e Japão

Marcelle Torres

A região do leste da Ásia é palco de conflitos territoriais marítimos, agravados pela falta de clareza de normas no direito internacional que determinem a soberania de territórios constantemente reivindicados. A Coreia do Sul e o Japão são importantes *players*, entretanto conflitos históricos e memórias da colonização afetam suas relações bilaterais, ascendendo também a complexidade da cooperação em defesa na região.

Um dos principais pontos de conflito das relações nipo-coreanas é a disputa pelos rochedos de Liancourt (Dokdo/Takeshima), administradas pela Coreia do Sul e, por vezes, reivindicada pelo Japão. Dokdo consiste em duas ilhas principais, Dongdo e Seodo, e 89 ilhotas no entorno, com área total de 188 km². Desde 1954, a Coreia do Sul abriga uma unidade da Guarda Costeira em Dokdo, demonstrando o seu controle efetivo da ilha e, a partir de 1986, iniciou exercícios militares na região.

Recentemente, Seul conduziu o exercício militar anual intitulado Exercício de Proteção do Território do Mar do Leste, ao qual habitualmente participam a Marinha, a Força Aérea e a Guarda Costeira sul-coreanas. O exercício se baseia no cenário de liderança da Guarda Costeira em repelir infiltrações estrangeiras em águas territoriais de Dokdo ou em tentativas de pouso na ilha. Em resposta, Tóquio cancelou uma reunião entre o presidente sul-coreano, Moon Jae-in, e o primeiro-ministro, Yoshihide Suga, no âmbito da cúpula do G-7, no Reino Unido.

Em 16 de junho, durante visita oficial à Espanha, Moon Jae-in consultou o documento histórico Mapa da Dinastia Joseon na biblioteca do Senado espanhol, em Madri, que retrata a Coreia na década de 1730. Segundo Moon, é um documento que constata que Dokdo faz parte do território coreano. Em 18 de junho, o Gabinete >>

do Estado-Maior Conjunto do Japão, sob as Forças de Autodefesa, publicou um vídeo militar acerca da visão indo-pacífica do Japão em que trata Dokdo como território em disputa. Seul apresentou queixa a Tóquio e sustenta a defesa de que Dokdo é território Sul-Coreano por motivos históricos, geográficos e pelo direito internacional.

Como se verifica, as relações bilaterais entre Seul e Tóquio ainda continuam sendo afetadas por questões

históricas e diplomáticas que se estenderam aos âmbitos econômico e militar. Um importante aliado comum entre ambos — Washington, em sua visão de reconstruir alianças — busca preservar e desenvolver cooperação estratégica com os dois aliados asiáticos, explorando uma aliança trilateral sólida frente a Pequim e Pyongyang no Indo-Pacífico.



DOI 10.21544/2446-7014.n142.p10-11.

O poder de dissuasão da Força de Foguetes do Exército de Libertação Popular

Rodrigo Abreu

A Força de Foguetes do Exército de Libertação Popular (PLARF, sigla em inglês) é responsável pelo arsenal de mísseis balísticos da China, sejam eles nucleares ou convencionais. Operando como o principal instrumento de dissuasão estratégica da China, a PLARF tem sido constantemente modernizada, recebendo grandes investimentos desde sua fundação, em 2015. Assim, este artigo busca entender o estágio atual das capacidades de dissuasão e seu impacto sobre a intervenção de outras potências em áreas de interesse estratégico da China.

Primeiramente, quanto às capacidades gerais da PLARF, é importante ressaltar que seus mísseis de curto, intermediário e longo alcance podem ser carregados com explosivos convencionais ou ogivas nucleares. Atualmente, estima-se que a China opere pouco mais de 100 Mísseis Balísticos Intercontinentais (ICBM, sigla em inglês). Em 2019, a China revelou seu ICBM mais avançado, o DF-41, capaz de alcançar todo o território dos Estados Unidos em cerca de 30 minutos e podendo

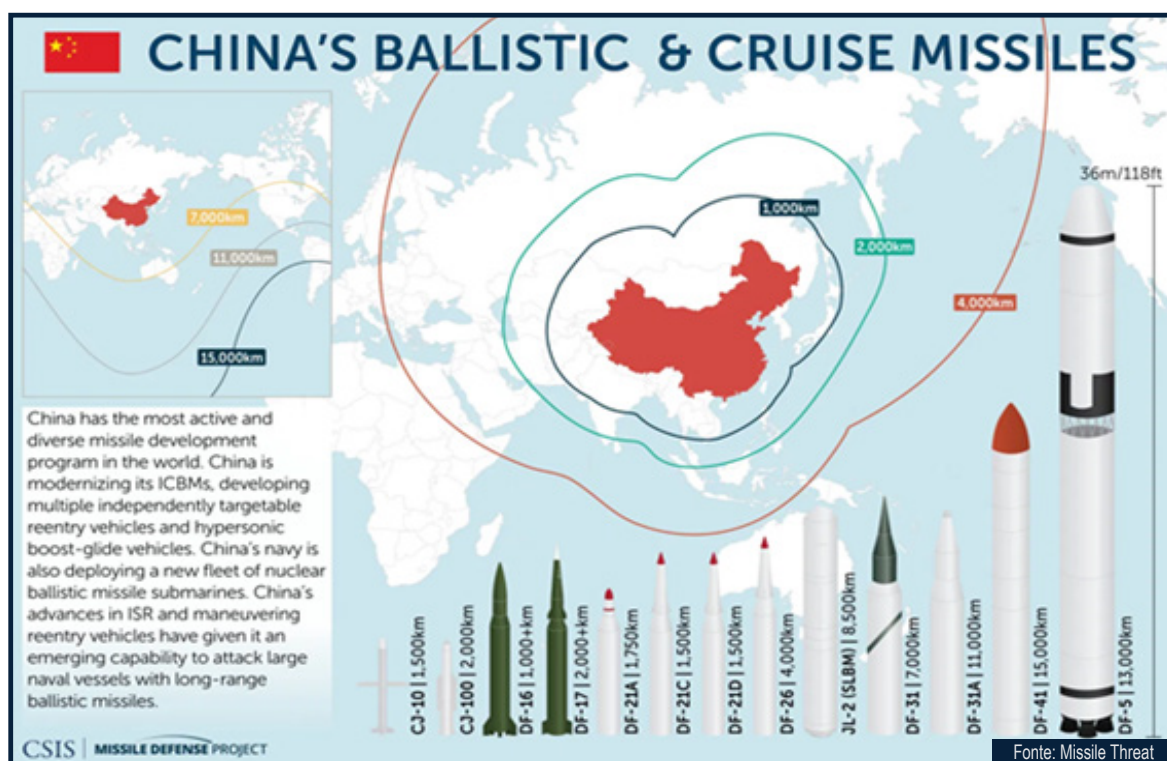
carregar 12 ogivas nucleares. Nos próximos quatro anos, o Departamento de Defesa dos EUA estima que a China terá mais de 200 mísseis intercontinentais com capacidade nuclear.

Outro fator importante para a dissuasão exercida pela PLARF são os mísseis balísticos DF-21D e DF-26, conhecidos como “assassinos de porta-aviões”. Os mísseis possuem alcance intermediário (cerca de 1.500 km e 3.500 km, respectivamente) e, por conta de sua alta manobrabilidade, seriam capazes de atingir alvos em terra e no mar. Assim, supostamente, seriam usados para dissuadir a presença de navios aeródromos norte-americanos nas proximidades da costa da China, no Oceano Índico, no Mar do Sul da China e, no caso do DF-26, até mesmo em Guam.

Ao definir sua doutrina nuclear, a China constantemente resalta que apenas utilizaria seu arsenal como retaliação. Entretanto, o mero crescimento exponencial das capacidades materiais da PLARF já >>

representa um elemento dissuasório significativo para a atuação das potências ocidentais na Ásia. Assim, em contextos como uma eventual investida de Pequim para a reintegração de Taiwan ao seu território ou um

escalonamento de tensões entre a China e os aliados dos EUA na região, como o Japão e a Austrália, a PLARF poderia dissuadir significativamente quaisquer esforços de retaliação militar por parte das potências ocidentais.



DOI 10.21544/2446-7014.n142.p11-12.

SUL DA ÁSIA

Os próximos passos da política externa estadunidense no Afeganistão

Marina Corrêa

Após Joseph Biden ter assumido a Casa Branca, reformulando as estratégias e ações estadunidenses internas e externas, finalmente uma data foi posta para a saída total das tropas dos Estados Unidos do Afeganistão ([Boletim 131](#)), bem como, a saída dos sete mil militares da OTAN que estão ativamente naquele país. Entretanto, sua saída significa que o vácuo político precisa ser preenchido e, com isso, cabe apontar quais direcionamentos da política externa dos Estados Unidos para o Afeganistão vêm sendo tomados.

Os discursos recorrentes feitos por Anthony Blinken, secretário de Estado dos EUA, reforçam o objetivo de Biden em diminuir significativamente a presença dos soldados estadunidenses, o que afetaria o auxílio atual à Força de Segurança Nacional afegã (ANSF, sigla em inglês). Contudo, os EUA já deixaram claro que não deixarão o país no plano político e econômico. Em uma busca para conter a aproximação chinesa e a rede de alianças regionais que o país tem feito (destaca-se Paquistão e Tadjiquistão), os Estados Unidos projetam seus interesses através do estabelecimento de alianças e de suportes financeiros diretos ao governo afegão.

Recentemente, durante reunião do *Quadrilateral Security Dialogue* (QUAD), para além das questões do Indo-Pacífico (foco da cooperação do grupo), o Afeganistão foi um dos mais importantes assuntos da pauta. Além dos países prezarem pela manutenção dos acordos e da estabilidade da região, um Afeganistão estável e aliado facilita o estabelecimento de relações com a Ásia Central. Com isso, é possível, em um segundo plano, conter a expansão chinesa na região.

Ademais da cooperação com o QUAD, os Estados Unidos estão formulando estratégias com a OTAN para que haja uma saída coordenada, mantendo um certo grau de estabilidade no país afegão.

Constata-se, portanto, que os Estados Unidos não querem suas tropas no Afeganistão e que sua saída representa sim um gap de poder e administração. Ainda assim, o país não quer que a China ocupe seu lugar, sendo necessário criar estratégias e parcerias que inviabilizem ou, ao menos, reduzam sua presença na região, o que expõe, mesmo que indiretamente, a contínua presença dos EUA no Afeganistão.

DOI 10.21544/2446-7014.n142.p12.

Rio e mar: a importância da conectividade para a presença indiana no Oceano Índico

Rebeca Leite

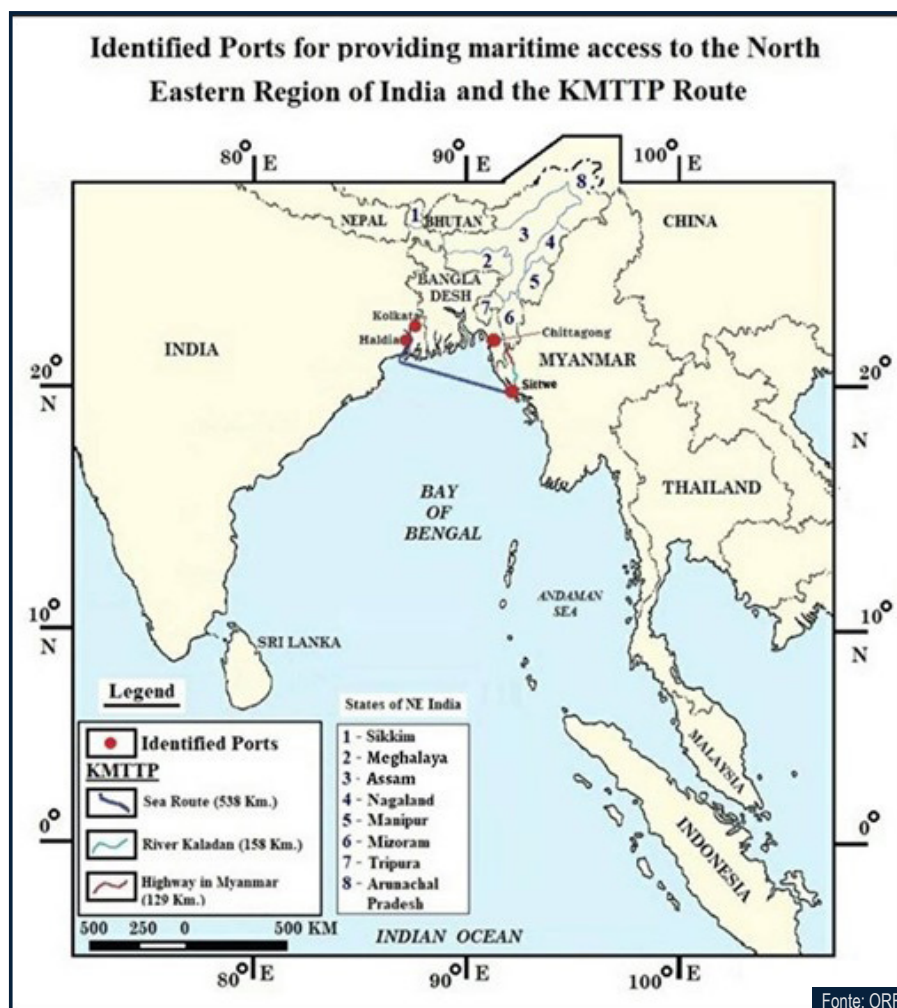
Em maio de 2021, o Ministério de Navegação da Índia divulgou que 95% de seu comércio internacional é feito por meio de portos marítimos. Os principais portos foram responsáveis por cerca de 57% do tráfego total de cargas em 2019-20. Contudo, em face de um vasto território, a Índia ainda possui alguns desafios de conectividade entre seus estados e o acesso ao mar. Melhorar a infraestrutura e empreender no setor de transporte multimodal tem sido uma pauta importante, sobretudo no que se refere aos estados do nordeste indiano, que não possuem litoral. O desenvolvimento de novas rotas pode ampliar o acesso aos portos marítimos e reduzir os custos de transporte, que atualmente são bastante elevados, além de mitigar o isolamento de tais estados na dinâmica econômica regional.

O nordeste indiano é abastecido por diversos rios e possui, aproximadamente, 1.800 km de rotas fluviais navegáveis. O Rio *Brahmaputra* é um dos principais rios da região por possuir diversos portos fluviais e mais de 30 serviços de balsa (postos de travessia). As principais cargas incluem chá, cimento, carvão, grãos em geral e petróleo. Cabe mencionar que o Rio *Brahmaputra* flui a jusante para Bangladesh e desemboca na Baía de

Bengala.

Assim, do ponto de vista geopolítico, é uma oportunidade de se fazer presente nesta região importante do Oceano Índico, em virtude das estratégicas Linhas de Comunicação Marítimas, que perpassam a Baía de Bengala e atravessam o Indo-Pacífico. Tem-se ainda a presença de hidrocarbonetos na Baía, um fato que atrai atores externos cada vez mais próximos à zona de influência indiana. Dentre estes atores, a China é o mais notório, ou seja, trata-se ainda da tentativa de equilibrar a ascensão política de um país rival em uma área fundamental para o seu comércio.

Portanto, nota-se que uma rede de conectividade entre portos e hidrovias pode ser extremamente benéfica para a Índia. Além de favorecer seus estados sem litoral e ampliar suas oportunidades de comércio, é possível observar que as rotas fluviais são a porta de entrada para uma maior atuação indiana no ambiente marítimo. A Baía de Bengala, no Oceano Índico, torna-se o centro entre o sul e o sudeste asiáticos, atraindo estes atores para uma disputa geopolítica que poderá pautar a dinâmica de poder no continente nos próximos anos.



As Malvinas como porta de entrada para a Antártica: obstáculo para Argentina e Chile

Gabriele Hernandez

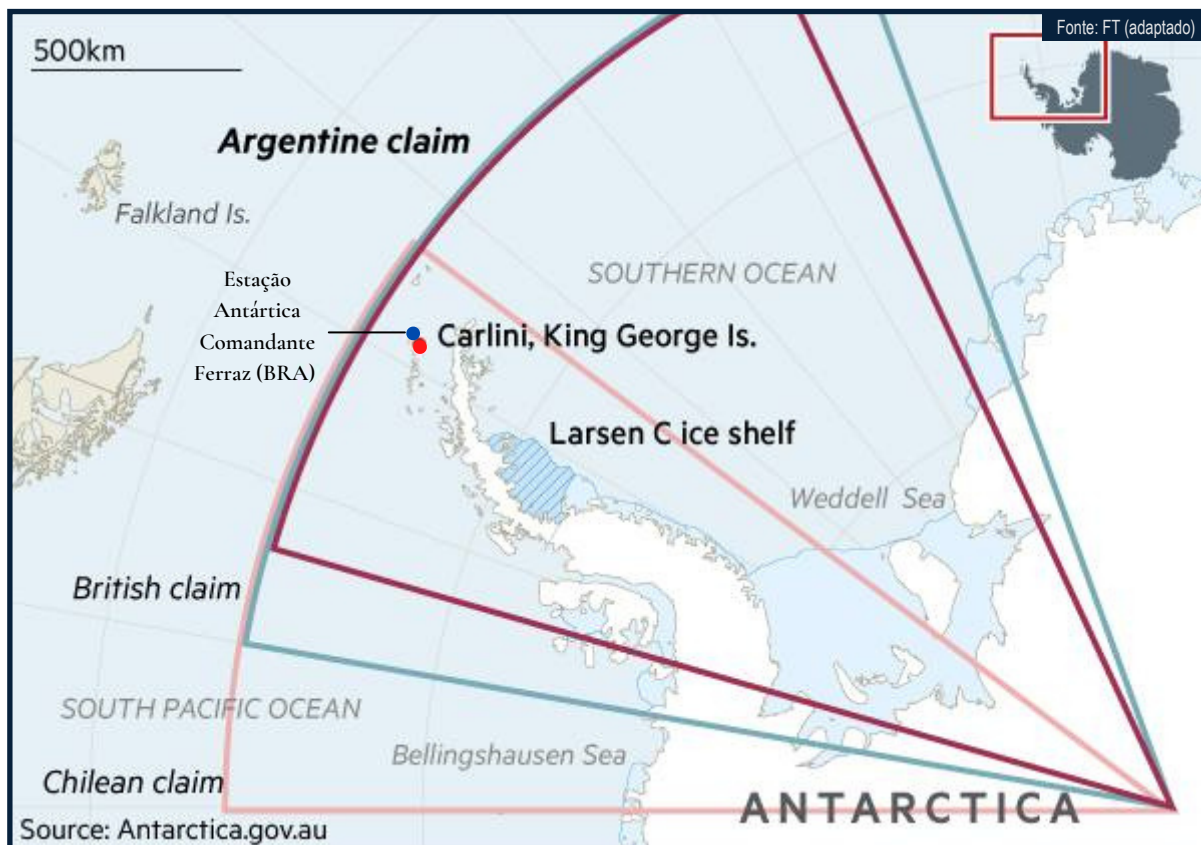
Chile e Argentina são duas das maiores potências antárticas, graças à proximidade com o continente austral, mas os vizinhos andinos possuem uma pedra no sapato: o Reino Unido. Para o período de 2021/22, o governo das Ilhas Malvinas anunciou o orçamento de US\$ 108,7 milhões para investimentos em infraestrutura, incluindo inversões no setor portuário e de transportes. Dentre seus objetivos, está a promoção de pesquisa científica no Atlântico Sul e Antártica, o que acendeu alerta vermelho nas duas potências antárticas sul-americanas para a possibilidade de um *hub* antártico britânico no Atlântico Sul. Por que, afinal, a criação de instalações portuárias e aeroportuárias nas Malvinas afetaria Chile e Argentina?

A chamada Questão Antártica foi uma disputa tripartite entre Argentina, Chile e Reino Unido que teve início no começo do século XX, quando os três Estados reivindicaram porções da Antártica que se entrecruzam na península antártica, a região mais importante do continente e com o maior número de estações. A disputa entre três importantes nações amigas ocidentais durante a Guerra Fria foi um dos fatores que impulsionou a assinatura do Tratado da Antártica, em 1959. Os reclames territoriais permaneceram, mas o Tratado congelou a

questão indefinidamente.

Apesar dos interesses argentinos nas Malvinas e na Antártica, a primeira reação negativa veio do Chile, com a imprensa definindo a empreitada como um endividamento desnecessário. No entanto, os ganhos estratégicos para o Reino Unido são superiores, uma vez que as cidades de Punta Arenas e Ushuaia não seriam mais os únicos *hubs* na região, criando nova opção de porto e aeroporto para o continente austral a partir do território britânico no Atlântico Sul.

As instalações diminuiriam a dependência que os dois países exercem sobre Reino Unido e demais Estados que se aventuram na Antártica, criando uma nova opção de ponto de partida para o Polo Sul. Desse modo, o poder de barganha sul-americano sofreria um pequeno desfalque e principalmente, a capacidade do Reino Unido em projetar poder sobre a região reclamada na Antártica seria reforçada. Na prática, no entanto, o Sistema do Tratado da Antártica e o interesse de muitos países na região, incluindo China e Estados Unidos, reduzem as chances de qualquer vantagem no continente a meras possibilidades, caso haja uma mudança brusca no regime. Para os vizinhos latinos, ainda assim, qualquer possibilidade é uma ameaça aos seus interesses.



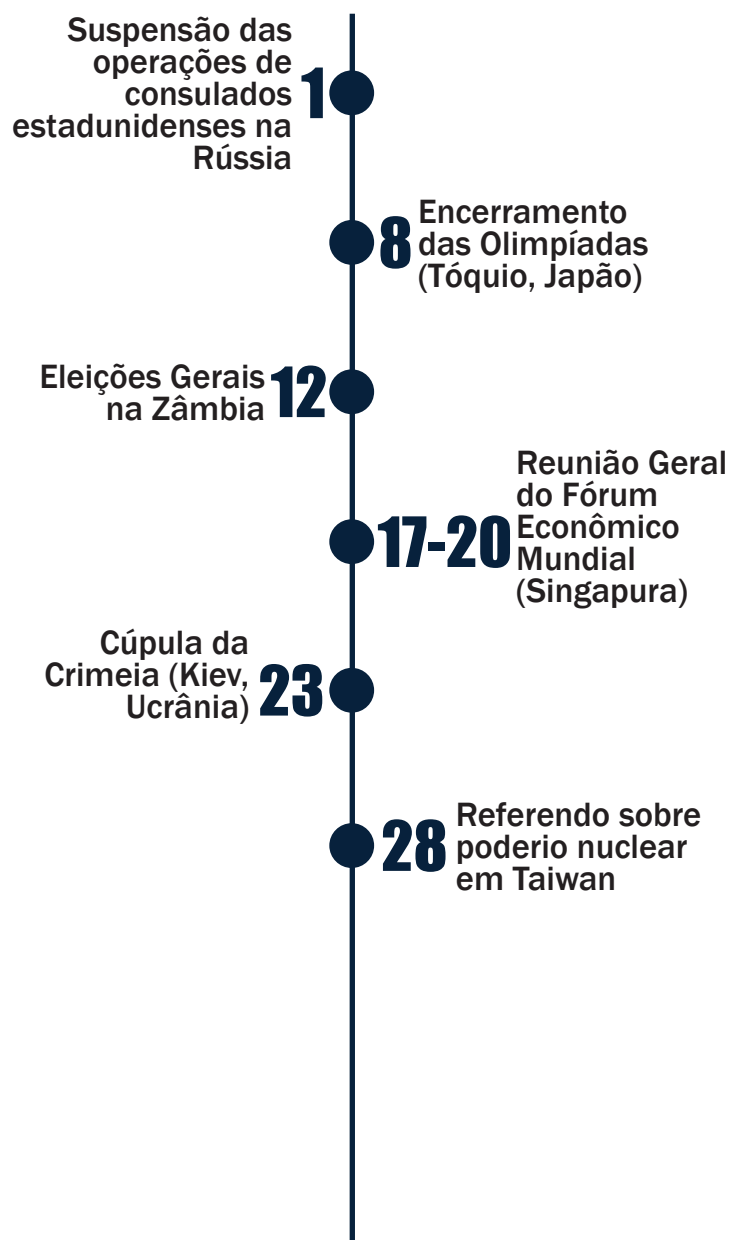
- ▶ [Black Sea incident is Russia telling the same old story](#)
CHATHAM HOUSE, Keir Giles
- ▶ [Competing with Russia Militarily Implications of Conventional and Nuclear Conflicts](#)
RAND, Clint Reach, Edward Geist, Abby Dol e Joe Cheravitch
- ▶ [US Withdrawal From the Middle East](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman
- ▶ [Geopolitical Implications of Scientific Innovation Trends in Northeast Asia](#)
CSIS, Seth G. Jones et al.
- ▶ [Reimagining Regional Governance](#)
CARNEGIE ENDOWMENT, Federico Merke, Oliver Stuenkel e Andreas E. Feldmann

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

JULHO



AGOSTO



REFERÊNCIAS

- **Os desafios à construção naval peruana na gestão de Pedro Castillo**
MARCHESSINI, A. [Grandes programas de la Defensa del Perú en 2021 - Noticias Defensa En abierto](#). **Defensa.com**, Lima, 29 maio 2021. Acesso em: 21 jun. 2021.
OSBORN, C. [Peru's Pedro Castillo Reaches the Cusp of the Presidency on Anti-Establishment Wave](#). **Foreign Policy**, Rio de Janeiro, 11 jun. 2021. Acesso em: 12 jun. 2021.
 - **A guerra naval do futuro: a construção da Marinha híbrida dos Estados Unidos**
[Navy releases long-range shipbuilding plan that drops emphasis on 355 ships, lays out fleet design priorities](#). **DefenseNews**, Tysons, 17 jun. 2021. Acesso em: 22 jun. 2021.
ESTADOS UNIDOS. Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América. [Ghost Fleet Overlord Unmanned Surface Vessel Program Completes Second Autonomous Transit to the Pacific](#). Washington, 07 jun. 2021. Acesso em: 22 jun. 2021.
 - **A nova peça do tabuleiro: processos e consequências da fundação do novo país na África Oriental**
[Members' sovereignty 'will be maintained in East Africa confederation'](#). **The Citizen**, Tóquio, 26 abr. 2021. Acesso em: 23 jun. 2021.
[A political union for east Africa?](#). **The Economist**, Londres, 09 fev. 2021. Acesso em: 24 jun. 2021.
 - **As perspectivas políticas da expansão energética do Senegal**
AGUILERA, A. [Senegal, en la lista de los próximos objetivos del yihadismo](#). **Observatorio Internacional de Estudios sobre Terrorismo**, Madrid, 21 jun. 2021. Acesso em: 23 jun. 2021.
[Senegal's Petroleum Ministry, PETROSEN and Cos-Petrogaz lay out Gas Strategy, Reinforce Partnership with African Energy Chamber](#). **APO Group**, Lausanne, 23 jun. 2021. Acesso em: 23 jun. 2021.
 - **O programa Foco África 2023 e as tensões diplomáticas entre Espanha e Marrocos**
TORREBLANCA, J. [This time is different: Spain, Morocco, and weaponised migration](#). **European Council on Foreign Relations**, Madrid, 26 maio 2021. Acesso em: 12 jun. 2021.
ESPAÑA. Ministerio de Asuntos Exteriores. [Foco África 2023](#). Madrid, [s.d]. Acesso em: 12 jun. 2021.
 - **BALTOPS 2021: 50 anos do maior exercício da OTAN realizado no Mar Báltico**
MANARANCHE, M. [NATO 50th BALTOPS Exercise Concludes](#). **Naval News**, Paris, 18 jun. 2021. Acesso em: 18 jun. 2021.
LAGNEAU, L. [L'Estonie et la Lituanie dénoncent la violation de leur espace aérien par des avions militaires russes](#). **OPEX 360**, Saint-Priest-sous-Aix, 17 jun. 2021. Acesso em 06 mar. 2021.
 - **A diversificação energética ucraniana e a energia de hidrogênio**
[Ukraine to launch first pilot hydrogen projects in 2022](#). **MENAFN**, Amã, 15 jun. 2021. Acesso em: 25 jun. 2021.
POPOV, J. [How Ukraine could be key to EU clean energy ambitions](#). **Energy Monitor**, São Francisco, 29 jan. 2021. Acesso em: 25 jun. 2021.
 - **Uma guerra de memórias: os rochedos de Liancourt e as relações entre Coreia do Sul e Japão**
OH, S. [Korea to conduct Dokdo defense drill this week](#). **Yonhap News**, Seul, 14 jun. 2021. Acesso em: 25 jun. 2021.
[S. Korea lodges complaint with Japan over military video describing Dokdo as disputed territory](#). **Yonhap News**, Seul, 23 jun. 2021. Acesso em: 25 jun. 2021.
 - **O poder de dissuasão da Força de Foguetes do Exército de Libertação Popular**
HUANG, K. [China's rocket force tests 'carrier killer' DF-26 ballistic missiles](#). **South China Morning Post**, Hong Kong, 10 jun. 2021. Acesso em: 26 jun. 2021.
ESTADOS UNIDOS. Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América. [Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020](#). Washington, [s.d]. Acesso em: 26 jun. 2021.
 - **Os próximos passos da política externa estadunidense no Afeganistão**
HUGHES, M. [Frustration Grows Within NATO Over US Handling of Afghan Exit](#). **Afghan Online Press**, [s.l], 14 jun. 2021. Acesso em: 26 jun. 2021.
COGAN, M.; MISHRA, V. [Does Afghanistan Present a New Opportunity for the Quad?](#). **Geopolitical Monitor**, Ontario, 17 jun. 2021. Acesso em: 26 jun. 2021.
 - **Rio e mar: a importância da conectividade para a presença indiana no Oceano Índico**
DABRE, R. [10 Major Sea Ports in India](#). **GoComet**, Rochoor, 25 maio 2021. Acesso em: 24 jun. 2021.
BOSE, S.; BASU, P. [In Search of The Se: Opening India's Northeast to the Bay of Bengal](#). **Observer Research Foundation**. **Observer Research Foundation**, Delhi, jun. 2021. Acesso em: 24 jun. 2021.
 - **As Malvinas como porta de entrada para a Antártica: obstáculo para Argentina e Chile**
Hernandez, G. [Brasil e Chile na Antártica: Cooperação entre dois programas distintos](#). Niterói, 2020.
[Gobierno de Falkland Islands \(Malvinas\) se endeudaría para convertirse en la puerta de acceso a la Antártica](#). **La Prensa Austral**, Punta Arenas, 22 maio 2021. Acesso em: 26 jun. 2021.
- Capa: [Exercise BALTOPS 50 kicks off today](#)
Por: OTAN.
- Os mapas iniciais (pág 03 e 04) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

▶ ALTO RISCO:

- ETIÓPIA — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Ethiopia Declares An Immediate, Unilateral Cease-fire In Tigray](#). NPR, 28 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.
- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [More than 100 killed in Yemen as fighting over oil-rich Marib region continues](#). French 24, 27 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Southern African nations to send troops to Mozambique](#). Africa News, 23 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.
- MYANMAR — Golpe militar: [Myanmar parallel government woos Rohingya in bid for legitimacy](#). Nikkei Asia, 28 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [EEUU, Canadá y la UE revisarán las sanciones contra el régimen de Maduro si hay “avances significativos” en la negociación para las elecciones en Venezuela](#). Infobae, 25 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

▶ MÉDIO RISCO:

- AFEGANISTÃO — Insegurança regional: [Taliban Fighters Return To Central Asia's Border](#). Radio Free Europe/Radio Liberty, 25 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.
- BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: [Belarus recalls envoy from Brussels in response to EU sanctions](#). France24, 28 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.
- COLÔMBIA — Crise estrutural: [Dos fusiles utilizados en atentado contra Duque pertenecen a la Fuerza Armada venezolana](#). NTN 24, 26 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.
- EL SALVADOR — Crise política: [Francisco Díaz: “Con la destitución de la Sala, los salvadoreños han quedado sin protección ante abusos de poder”](#). ElSalvador, 27 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.
- GOLFO DA GUINÉ — Insegurança marítima conjuntural: [Monjasa Tanker Joins West African Anti-Piracy Training Operation](#). Ship & Bunker, 28 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• LÍBANO — Crise estrutural: [More blackouts ahead as Lebanon generators starved of fuel](#). **Middle East Eye**, 23 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• MALI — Instabilidade política: [Mali: Protesters call for French troops to leave, some call for greater Russia cooperation](#). **Africa News**, 26 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• NÍGER — Aumento da atividade terrorista na região: [Mais de 100 "terroristas" mortos em junho em Burkina e Níger](#). **Estado de Minas**, 26 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• NIGÉRIA — Ataques insurgentes: [Niger Delta militants threaten to resume attacks on Nigeria's oil installations](#). **SPG Global**, 28 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• SÍRIA — Instabilidade regional: [Biden administration warns allies against restoring ties with Syria](#). **Middle East Eye**, 25 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• SOMÁLIA — Instabilidade eleitoral: [Somalia's divided army reflects its divided politics](#). **African Arguments**, 23 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• UCRÂNIA — Tensões transfronteiriças entre Rússia e Ucrânia: [Ukraine: dans le Donbass, de nouveaux combats entre les séparatistes et l'armée ukrainienne](#). **RFI**, 27 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

► MONITORAMENTO:

• ARMÊNIA E AZERBAIJÃO — Conflito na região de fronteira de Nagorno-Karabakh: [What prospects for peace following Armenia's election?](#). **London School of Economics (LSE)**, 23 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• HAITI — Crise institucional: [The Dominican Republic Is Building a Wall to Keep Haitian Migrant Kids Out](#). **Vice**, 25 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• ISRAEL E PALESTINA — Tensões na Faixa de Gaza: [Coalition to Hold Knesset Vote on Controversial Palestinian Citizenship Bill, Even Without Clear Majority](#). **Haaretz**, 27 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• LÍBIA — Em cessar-fogo: [UNSMIL: Understandings reached regarding Libyan constitutional basis](#). **The Libya Observer**, 27 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN — Expansão chinesa sobre as regiões: [Indonesia and US building maritime training center on edge of the South China Sea](#). **CNN**, 28 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Tensões entre Grécia e Turquia e ocupação do Chipre: [EU chief warns Erdogan over north Cyprus visit](#). **ArabNews**, 25 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Central African Republic charges French national with espionage](#). **Al Jazeera**, 09 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• NICARÁGUA — Crise política: [El regreso del gran conspirador de Perú: Vladimiro Montesinos urde un complot electoral contra Castillo](#). **El País**, 27 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.

• PERU — Crise eleitoral: [El regreso del gran conspirador de Perú: Vladimiro Montesinos urde un complot electoral contra Castillo](#). **El País**, 27 jun. 2021. Acesso em: 29 jun. 2021.